

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada
Internacional
Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



O INDÍGENA OU O CAMPESINO? POSSÍVEIS INTERLOCUÇÕES ENTRE O MOVIMENTO INDÍGENA E O PROGRAMA ESCOLA DA TERRA

Vinícius Fernandes Evangelista¹

Marcones da Silva Nascimento²

Érica Fernandes Dias³

RESUMO

Este artigo traz um breve debate sobre a construção do conceito de campesinato no Brasil - peculiarmente, no Nordeste - e impulsiona uma interlocução entre elaborações recentes do movimento indígena no campo da educação e o programa Escola da Terra. O material analisa a experiência em uma escola do centro-sul cearense, as diretrizes do programa Escola da Terra com base em textos e elaborações históricas da esquerda pedagoga e em discursos e produções científicas de antropólogos, educadores e escritores indígenas, buscando debater alguns elementos que podem ser considerados entraves, tanto para uma melhor apreensão das cosmovisões indígenas nas escolas como para uma salutar simbiose entre a esquerda tradicional e o movimento indígena contemporâneo.

Palavras-chave: Educação Indígena. Nordeste. Ceará. Sensorialidades contracoloniais.

ABSTRACT

This article brings a debate about the construction of the peasant concept in Brazil – specially, in Northeast – and launches an interlocution between recent writings and speeches of the indigenous movement on the fields of indigenous education and the Escola da Terra program. The material comes primarily from a case study of a school in the south-central region of the State of Ceará, from the guidelines of the Escola da Terra program, from a few texts and historical writings of the teachers of the political left and from discourses and scientific productions of indigenous anthropologists, teachers and writers – seeking to discuss a few elements that might be considered blocks either for a better installation of indigenous epistemologies in schools as for a better symbiosis between the traditional left and the contemporary indigenous movement.

Keywords: Indigenous education. Northeast. Ceará. Countercolonial epistemologies.

1. INTRODUÇÃO

¹ Mestrando em Antropologia pelo programa associado das Universidade Federal do Ceará e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira cabacacariri@protonmail.com

² Assistente Social. Residente em Neurologia e Neurocirurgia de Alta Complexidade pela Escola de Saúde Pública do Estado do Ceará - ESP marconesflatista@gmail.com

³ Mestre em Avaliação de Políticas Públicas pela Universidade Federal do Ceará (UFC), professora de Língua Portuguesa (Seduc-CE) erica.fernandes@ifce.edu.br

PROMOÇÃO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Este artigo busca discutir as dificuldades de interação entre as cosmovisões indígenas e o Estado que, a partir da obrigatoriedade da Lei 11.645 de 10 de março de 2008, que torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio.

Os conflitos entre as epistemologias originárias e as instâncias representantes do poder burguês/colonial se atualizam na figura da burocracia estatal e, antes, se manifestavam através da igreja e das coroas, com suas missões, forças militares e elementos outros. O principal representante desse epistemicídio hoje são as ideologias neocoloniais e autoritárias da extrema direita, amplamente disseminadas.

Nesse sentido, o campo da esquerda necessita avançar na superação, já iniciada, de práticas etnocêntricas e coloniais em seu interior. Daí a importância do debate em torno da implementação das escolas indígenas, visando contribuir para o reconhecimento e o fortalecimento das epistemologias indígenas no ensino básico e superior e, portanto, a suplantação da colonialidade ainda tão presente nas instituições educacionais.

O debate aqui realizado não se centrará, necessariamente, em denunciar os elementos ideológicos da extrema direita, tendo em vista que a "super notificação" de seus abusos não contribuirá para a organização das forças sociais necessárias para superá-la, tampouco não contribuirá para a resolução de nossas divergências internas.

José Martí é uma das primeiras grandes figuras da esquerda dos polos caribenho/americano que em sua obra *Escritos sobre educación* traz um debate a respeito do indígena na construção do socialismo: “[...] Que el pago de anualidades sea abolido porque fomenta la mendicidad [...] Que se eduque al indio en conformidad com sus necesidades y alcances”. (MARTÍ,1976).

A escola indígena, no Ceará, ainda sofre com as imposições, desconhecimento e falta de diálogo de membros da burocracia estatal. Os motivos para tal são diversos: etarismo por parte dos mais velhos – que acabam desperdiçando o potencial extraordinário de alguns educadores e lideranças indígenas jovens, que têm mostrado enormes construções (vide o exemplo da coordenadora Anacé de 23 anos que multiplicou exponencialmente a participação de estudantes indígenas nas escolas Anacé) -, letargia na

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada
Internacional
Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

aprovação e garantia dos recursos e processos necessários para a educação indígena (como alimentação diferenciada, transporte escolar, etc), além de perspectivas etnocêntricas próprias do projeto de colonialidade contínuo e persistente nas instituições estatais e outros mais.

O programa Escola da Terra traz consigo valiosas elaborações no campo da educação diferenciada para quilombolas e pode melhorar sua elaboração em torno dos povos indígenas, ao realizar uma análise crítica sobre o sujeito central de todas as suas diretrizes e objetivos estratégicos: o camponês.

2. DO SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO ÍNDIO (SPI) À FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (FUNAI): TUTELA E ETNOCÍDIO NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA E O SURGIMENTO DO CAMPONÊS

Carlos Studart finaliza sua obra “Aborígenes do Nordeste” sentenciando os indígenas ao desaparecimento conforme fossem integrados às categorias de “trabalhador nacional” ou “brasileiro”, ou ainda outras formas de se remover a raiz étnica desses sujeitos. No Nordeste, os povos indígenas, quando não foram mortos, foram assimilados de forma forçada para as fazendas e terrenos cercados para viverem como “moradores”, muitas vezes, trabalhando em regimes análogos à escravidão. Entretanto, outro nome que pode se dar a esses “moradores” é camponês, pois desempenham as funções que o trabalhador do campo desempenha, vivem a maior parte de suas contradições e estão, em geral, em conflito com as mesmas seções de classe contra as quais os camponeses estão.

O SPI tinha como função principal mediar esses processos de assimilação forçada. A FUNAI é sua atualização - apesar de podermos dizer que existem servidores da fundação que contribuem para a luta indígena, isto é, se ainda há alguma agência positiva na instituição, já que o órgão, no governo Bolsonaro, tem funcionado como um braço de seu projeto de genocídio e etnocídio permanente.

O etnocídio se dá também na falta de ações governamentais que busquem reparar o memoricídio perpetrado contra as populações originárias. A falta de memória, a fragmentação ou o desenraizamento da identidade gera lapsos e falhas não apenas nos

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

dados do Censo, mas também, nas políticas públicas que, por vezes, são estruturadas com base nestes dados. O caso do município de Cedro, no Centro-Sul do Ceará, é exemplar: o último Censo apontou que entre os 24.527 habitantes apenas 10 pessoas são indígenas e 8.487 “pardos”. A cidade terá realmente menos de 0,05% de sua população indígena ou o que mantém esse dado é um profundo processo de memoricídio, silenciamento e trauma, resultantes do processo de “pardalização étnica”?

É notório que essa morte não é apenas física, é também simbólica e cultural. A morte do corpo é a consumação final de um processo lento e impiedoso que impõe às vidas negras o suplício diário do medo e desespero desencadeados por políticas mortíferas utilizadas pelo Estado ou por ele chanceladas a terceiros para promoção do banimento das diferenças. Para tanto, a erradicação da alteridade não europeia, convertida em inimiga da branquitude, pode ser processada não apenas pelo assassinato em massa dos corpos afrodescendentes e ameríndios, mas no sucumbimento de tudo que dele deriva, suas memórias ancestrais, sua justiça, suas políticas, estéticas, espiritualidades e cosmologias variadas, enfim, nada deve restar em pé após a artilharia da branquitude em negar o que a ela não reflete. (MISSIATO, 2021, p. 6)

As guerras interétnicas que ocorreram bem antes do surgimento do SPI eram incentivadas pelos colonialistas e foram as primeiras formas de engenharia social de fraturas étnicas. A manipulação dos sentimentos de pertença e o incentivo aos conflitos laterais começam neste primeiro esforço colonial de gerar guerra e enfraquecer os povos originários. A criação das cercas e a transição para os modos de produção camponeses em fazendas e outras configurações de apropriação da força de trabalho é a etapa seguinte: aqui já há um processo de desenraizamento de qualquer autonomia do ser, fazer e pensar indígenas – o sujeito indígena torna-se morador *de* alguém (isto é, ele é um tipo de acessório amorfo agregado à viva natureza agora encerrada em cercas e autenticada no nome de um *dono/senhor*), o indígena não *faz seu* alimento - ele colhe *para o senhor*, e fica com um pedaço que garanta sua sobrevivência em um regime nutricional insuficiente. Indígenas não poderiam mais *pensar* de forma autônoma: se desenvolvessem sua própria ciência, seriam acusados de feitiçaria ou de exercer medicina/nutrição/análise sem licença; se decidissem articular autonomamente suas afetividades poderiam ser acusados de poligamia ou libertinagem; se ousassem ter sua própria cosmovisão, seriam hostilizados pelas igrejas ou adoecidos pelo isolamento socio-afetivo que lhe seria imposto.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

A laicidade do Estado e da escola é apenas formal em um país com raízes coloniais cristãs. Se fôssemos buscar reparações mínimas e permitir que povos originários, de fato, enraizassem suas cosmovisões no currículo escolar, criando um justo e temporário momento de vivência de uma retomada epistêmica, causaríamos imensos desconfortos no estado das coisas. Porém, essa é justamente uma reivindicação da juventude indígena: rápidas mudanças, apesar dos desconfortos consequentes. O que seria decidido após esse processo de buscar uma equidade, entretanto, é imprevisível: poderíamos ter as cosmovisões indígenas naturalizadas como processos da escola? Voltaríamos ao modelo supostamente laico? Mergulharíamos ainda mais no monoteísmo cristão?

3. PARA OS ENSAIOS DA RETOMADA ÉTNICA: JUREMA, TORÉ, RAIZEIROS, ENCANTARIA, REZADORES E BENZEDORAS ENQUANTO SUJEITOS E EPISTEMES CENTRAIS PARA A VALIDAÇÃO DO SER INDÍGENA E DA NECESSIDADE DA AFIRMAÇÃO E EXPRESSÃO DESSAS COSMOVISÕES E IDENTIDADES

Gení Nuñez e Grunewald elaboraram bem sobre a identidade indígena - a primeira, sobre generalidades que se podem traçar dentro do que se percebe enquanto etnicidade, o segundo elaborou especificamente sobre generalidades das etnicidades no nordeste brasileiro.

A necessidade da regeneração e fortalecimento de identidades étnicas não é estritamente um processo identitário. É, exatamente, uma chave para a reelaboração de nossa história, de rearranjo das nossas formas de organização para a transformação social. A etnia guarda em si elementos que, por vezes, as formas tradicionais de organização não conseguiram alcançar: das lacunas da comissão nacional da verdade aos potenciais extraordinários que as epistemologias educacionais ancestrais conseguem oferecer. A missão é simples, porém complexa: a partir de processos de retomada, elaborar novas escolas, novos afetos e novos espaços nos quais a autonomia e a liberdade possam ser exercitadas de forma socialmente consciente, buscando primordialmente saídas coletivas e não individuais.

O conceito de “*camponês*” tem um relevante significado social e político para

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

compreensão das relações sociais no meio rural, pois mobiliza, ao mesmo tempo, determinações econômicas e culturais, ou seja, é expressão tanto de uma classe como de um modo de vida determinado. Porém, setores da esquerda tradicional, com compreensão limitada, por vezes, economicista e eurocêntrica sobre as condições e a composição do campesinato brasileiro negam os elementos da diversidade e etnicidade presentes nos povos do campo. Fato que reclama uma análise crítica e plural sobre as diversidades e pluralidades ocultadas e silenciadas no conceito genérico de camponês.

No Nordeste brasileiro, mas não apenas, o campesinato foi formado por indígenas sujeitados ao trabalho agrícola compulsório, por meio de práticas como o aldeamento e das missões coloniais, para utilização de sua mão de obra nas fazendas de gado, mas também pelos negros aquilombados que produziam para o autosustento e para uma produção mercantil para subsistência, conformando um campesinato periférico indígena e negro.

Desse modo, considerando o Decreto Nº 7.352/2010, de 04 de novembro de 2010, que dispõe sobre a Política de Educação do Campo e compreende que as populações do campo são os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural; e que são as escolas do campo que devem garantir a educação indígena, estas devem assegurar uma epistemologia que reafirme as identidades étnicas dos povos indígenas, a preservação de suas memórias e a valorização de suas línguas, culturas, diversidade e tecnologias ancestrais.

O primeiro passo para a retomada étnica é o resgate da memória, que passa necessariamente por um estudo utilizando das ferramentas de uma linha da historiografia que tem sido chamada de *historiografia do trauma*. O apagamento étnico é, em primeira e em última instância, um trauma: haverá dimensões ancestrais, contemporâneas e transgeracionais desse trauma, não havendo por vezes como progredir na superação desse trauma sem compreender o *conflito* que o gerou – ou o *embate*. A questão se impõe e não

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada
Internacional
Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

há como escapar: é requerido um estudo de história militar, com todas as situações tensas ou explosivas que isso pode gerar – a responsabilidade é, portanto, gigantesca.

A história militar dos “interiores” é uma história extremamente densa, repleta de silêncios e de elementos turvos, os veículos institucionais e/ou oficiais muitas vezes não podem ser confiados, e para que os fatos sejam alcançados, por vezes, apenas o pertencimento étnico coletivamente reconhecido – e vale pontuar que não há outra forma de pertencer – é o único meio. A resolução desses conflitos passa por reconhecer as feridas, os gatilhos e estruturar processos de transformação a partir do reconhecimento disso.

4. PENSAR UMA TRANSIÇÃO: PROPOR METODOLOGIAS REVOLUCIONÁRIAS PARA UMA ATUAÇÃO FLEXÍVEL

A cartografia surge enquanto metodologia primária e oportuna para a análise aqui proposta: método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari que visa acompanhar um processo e não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção. O caminho metodológico selecionado é essencial exatamente por sua fluidez - se a identidade indígena nunca é individual, é sempre coletiva, é ideal que uma pesquisa que se proponha a traçar os fundamentos de uma proposta educacional indígena seja fluida o suficiente para permitir reedições com facilidade, assim como para que outros sujeitos se apropriem e façam as edições de acordo com suas cidades, regiões, aldeias e quilombos.

Os objetos de pesquisa e a atuação do educador aqui delineados nos coloca diante de um percurso metodológico que se encontra consubstanciado na pesquisa social Minayo (1994), no âmbito da abordagem qualitativa, por dar conta da narrativa dos sujeitos da pesquisa – os guardiões da memória, os raizeiros, rezadores e chefes de terreiros, discentes, docentes, coordenadores de escolas, servidores das secretarias de educação e indígenas locais. Para a autora:

Essa etapa combina entrevistas, observações, levantamentos de material documental, bibliográfico, instrucional etc. Ela realiza um momento relacional e prático de fundamental importância exploratória, de confirmação ou refutação de

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

hipóteses e construção de teorias. (MINAYO, 1994, p. 26).

Vale ressaltar que para dar conta dos objetivos propostos, procura-se adotar também a pesquisa bibliográfica, documental e legal com o objetivo de possibilitar à pesquisa e aos pesquisadores, um olhar cuidadoso, que fuja a simples observação do cumprimento ou não da Lei 11.645. Busca-se por um olhar que revela as implicações educacionais e sociais das tentativas de instalação de uma educação indígena, em qualquer território analisado.

Nesta pesquisa, a metodologia vai ser construída ao longo das etapas, as quais poderão responder ou não às nossas perguntas e suscitar outras, observando sempre a realidade dos sujeitos e necessidades históricas específicas. Tendo como ponto de partida a realidade vivenciada cotidianamente.

Ao final das pesquisas, as quais não esgotam a realidade dinâmica e processual, que é histórica e transitória, assim como a ciência, pretendemos construir um conhecimento, um concreto pensado, a serviço da educação e das comunidades indígenas.

O diálogo com alguns troncos familiares também se dá por necessário de forma a analisar dimensões específicas da história militar e sindical dos territórios - que não é dissociada do arranjo étnico e da reprodução da educação e dos saberes indígenas do local - há uma carência de produções sobre os conflitos que os municípios enfrentaram, por exemplo, na ditadura militar. A intersecção com a história do movimento sindical é necessária se buscarmos em Fanon ou outros autores orientações para pesquisar e atuar nos processos:

“Nas colônias a infraestrutura econômica é também uma superestrutura. A causa é efeito: Você é rico porque você é branco, e você é branco porque você é rico.”
(Fanon, 1963)

O memoricídio dá aqui novamente suas caras: é bebendo de formulações de toda Abya-Yala - especialmente da historiografia do trauma e também dos estudos do trauma transgeracional - que se pretende analisar com profundidade o que aqui se propõe - as elaborações feitas por psicólogos e psiquiatras indígenas também são de vital importância para entender alguns elementos estruturantes das violências coloniais, temos importantes elaborações sobre os vícios que as branquitudes trazem aos territórios e seus efeitos nas estruturas familiares e étnicas.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

As experiências do Chile e de outras regiões no tocante às elaborações dos traumas transgeracionais são exemplares para lidar com os exemplos do Centro-Sul do Ceará: há uma tendência ao silêncio, especialmente perante as gerações mais novas, sobre os traumas - e estes muito têm a dizer sobre as configurações contemporâneas do tecido social, tendo em vista que a ditadura foi o último grande trauma amplo não apenas no Ceará, mas em todo o Brasil, trazendo consigo reconfigurações ou atualizações do colonialismo e de suas colonialidades (Faúndez, Cornejo, Brackelaire, 2014).

Spivak conta que “[...] a tarefa do intelectual pós-colonial deve ser a de criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar”(2010, p.14). A dimensão desse esforço aqui não se dará dissociada da própria identidade da pessoa pesquisadora, tendo em vista a natureza necessariamente relacional e porosa dos elementos que aqui interagem: sujeitos da pesquisa e pesquisador, ou educadores e alunos/pais. O antropólogo, o educador ou qualquer outro tipo de pesquisador indígena que se propõe não apenas a lamentar por e criticar o etnocentrismo, por vezes reproduzido na própria academia, realiza o difícil empenho de também vir a propor algo próprio, algo novo, com toda a responsabilidade que tem para com seu povo e para com o movimento indígena (Kaingang, 2015).

5. CONCLUSÃO

Os processos de retomada étnica - sempre territoriais, coletivos e únicos - se dão por relações de conflito com os históricos “donos do poder”, sejam as oligarquias internacionais do grande capital, as oligarquias locais ou os representantes e defensores dos seus interesses dentro do aparelho do Estado que buscam dar continuidade ao projeto de colonialidade. A educação é também um campo de disputa dentro deste. A postura de um agente contracolonial, além de levar em conta esses princípios básicos, demonstra também dois espíritos importantes: o da descrença de que a estrutura colonial se sabotará automaticamente/passará a apoiar os povos indígenas por algum tipo de transformação moral interna espontânea; e o espírito de disposição para atuar conforme o que perceber em cada território afetado pelo sistema colonial.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



A tarefa contracolonial é necessariamente uma luta interseccionada: há uma dimensão etnicorracial, uma de classe e é também antipatriarcal. O educador que busca implementar com sucesso a educação indígena precisará ter uma atuação profunda e um intenso estudo da política de cada território em que atuar, levando em consideração os tempos necessários para a instalação e progressão de cada processo educacional contracolonial. Um bom estudo das instituições políticas tradicionais locais e de seus arquivos e documentos (grupos como as Maçonarias, Rotary's, Câmaras Municipais, Sindicatos Patronais e de Trabalhadores, Academias de Letras) podem vir a dar um bom panorama prévio aos que, com a experiência, passam a ter olhos críticos aos escritos oficiais da história.

O movimento indígena e a população em geral apenas têm a ganhar com o avanço das retomadas: possuímos as melhores formas de fazer e de bem viver, desde a forma de construir, revitalizar ou ressuscitar florestas, até as formas de se comunicar, além de termos, nos últimos períodos, ocupado espaços acadêmicos e de poder. A socialização desses saberes em conjunto com uma cosmovisão que não seja antropocentrada, isto é, que busque o respeito para com os limites da natureza e que respeite a biodiversidade, pode de fato vir a trazer uma nova primavera.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA CEDRENSE DE LETRAS, **Antologia literária do centenário de Cedro Ceará**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2021. Disponível em: <https://archive.org/download/ant-ced/ant%20ced.pdf> Acesso em 4 mai. 2022.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.

FAÚNDEZ, X., CORNEJO, M., & BRACKELAIRE, J. -L. **Transmisión y apropiación de la historia de prisión política: transgeneracionalidad del trauma psicosocial en nietos de ex presos políticos de la dictadura militar chilena**. *Terapia Psicológica*, v. 32, n. 3, 2014, p. 201–216.

FERNANDES (Kaingang), Rosani de Fatima. **Povos indígenas e antropologia: novos paradigmas e demandas políticas**. *Espaço Ameríndio*, v. 9, n. 1, p. 322-354, 2015.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada
Internacional
Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

GROSFOGUEL, Ramón. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI.** Revista Sociedade e Estado, 2016.

GRUNEWALD, Rodrigo de Azeredo. **Toré e jurema: emblemas indígenas no nordeste do Brasil.** Rev. Cienc. Cult., São Paulo, v. 60, n. 4, p. 43-45, 2008.

MIGNOLO, Walter. **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política.** Cadernos de Letras da UFF, v. 34, n. 1, p. 287-324, 2008.

MAXACALI, Lais. **“Sobre os efeitos etnocidas do “pardo” no Brasil”.** Disponível em <https://www.instagram.com/p/B9SmG-CHsDT/?igshid=1a4gfipb8m5f5> , 2020.

NÚÑEZ, Geni. **Da cor da terra: etnocídio e resistência indígena.** Rev. Tecnologia & Cultura (CEFET/RJ), sine loco p. 65, 2021.

GAMBINI, Roberto. **Espelho Índio: a formação da alma brasileira.** São Paulo. Axis Mundi: Terceiro Nome, 2000.

RESENDE, Ana Cristina Zema. **Direitos e autonomia indígena no Brasil (1960-2010): uma análise histórica à luz da teoria do sistema mundo e do pensamento decolonial.** Tese de doutorado. 2014.

MARTÍ, José. **Escritos sobre educacion.** Ediciones políticas, editorial de ciências sociales, Havana, 1976.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo (Nova edição).** Editora Companhia das letras, 2019.

KOPENAWA, Davi & Bruce Albert. **A queda do Céu: palavras de um xamã yanomami.** Companhia das Letras. 2010.

TEMÓTEO, Jurandy. **Anos de chumbo: O Movimento Político/Estudantil e a Ditadura Militar no Crato.** Crato: A Província Editora, 2013, Disponível em: <https://archive.org/download/ditadura-militar-crato/me%20crato.pdf> . Acesso em 6 mai. 2022.

SANFELIPPO, Luis César. **La utilización de la noción de “trauma” en la historiografía y la memoria social.** In: III Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVIII Jornades de Investigación Séptimo Encuentro de

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL



REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Investigadores en Psicología del MERCOSUR. 2011, Buenos Aires: Facultad de Psicología
- Universidade de Buenos Aires, 2011.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** (Tradução de Sandra Regina
Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa) Belo Horizonte, Editora
UFMG, 2010.

PROMOÇÃO



APOIO